

Mulheres na cidade: trabalhadoras negras, livres e libertas na Campinas oitocentista (1876-1882)

Taina Aparecida Silva Santos*

Resumo

Ao longo da pesquisa, foi desenvolvido um estudo sobre as ocupações e profissões de trabalhadoras "livres" e libertas em Campinas, durante entre os anos 1876 e 1882. Prezando pela ênfase nas alocações de trabalhadoras negras no mercado de trabalho livre, a análise se deu sobre o Registro de Matrícula de Enfermos do Hospital de Misericórdia da Santa Casa de Campinas. Foram analisados, aproximadamente, quase dois mil registros de pessoas que deram entrada no hospital no período indicado. Os dados da fonte foram extraídos e organizados em uma base de dados, recurso que possibilitou o levantamento das profissões e ocupações femininas vigentes em Campinas e região durante o período. Também foi possível obter um quadro da composição racial desse universo de trabalho, sob o qual pode-se inferir possíveis relações entre a distribuição de mulheres negras e brancas nessas ocupações com os processos de racialização vigentes na segunda metade do século XIX.

Palavras-chave:

Mulheres negras, trabalho livre, profissões

Introdução

Um balanço bibliográfico em torno da produção historiográfica que tratou da experiência de trabalhadores no Brasil, com foco nas obras que dialogam a História Social, revela que a nova história do trabalho abriu possibilidades de análise inéditas sobre a experiência de trabalhadores negros e negras. Entretanto, a presença de estudos das mulheres no mundo do trabalho livre, em especial, das mulheres pobres e não brancas, ainda é tímida. Alguns estudos produzidos em diálogo com essa bibliografia revelam que os números de homens e mulheres de cor fora do estatuto de escravizados eram crescentes ao longo do século XIX. Em 1872, três em cada quatro negros eram livres. Sidney Chalhoub aponta que, para o mesmo ano, apenas 15,2% da população era escravizada. A população livre de cor totalizava 42,7% dos habitantes do Brasil, de forma que 74% da população negra já não estava mais sob a escravidão. Esses dados revelam um universo que, por muito tempo, ficou submerso nos estudos históricos e que, ao ser explorado, tem nos mostrado aspectos importantes para a compreensão da condição social de uma população negra livre e liberta no Brasil antes e depois da abolição da escravatura. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi o estudo desses aspectos, a partir da inserção de mulheres negras no mundo do trabalho livre entre os anos de 1876 e 1882.

Resultados e Discussão

Ao longo da pesquisa foi possível realizar um levantamento bibliográfico das obras que trataram da experiência de trabalhadores e trabalhadoras no Brasil oitocentista, além de estudos e desenvolvimento de uma metodologia para a análise das fontes. A historiografia brasileira tem tido mudanças positivas, nos últimos trinta anos, no que diz respeito às investigações sobre história da população negra durante a escravidão e o pós-abolição. Entretanto, as fontes utilizadas para esse tipo de pesquisa consistem, basicamente, em inventários, jornais, legislação, testamentos, cartas de alforrias e, principalmente, processos criminais. A utilização de uma fonte como o *Registro de Enfermos da Santa Casa* é inédita nas pesquisas sobre trabalho e trabalhadores (as).

Essa fonte apresenta recursos novos e potentes para pesquisas em História Social. A partir do estudo desse material, pude identificar um conjunto de profissões de mulheres de Campinas e região, entre os anos de 1876 e 1882. Dados importantes, se levarmos em consideração que as pesquisas sobre o tema têm como foco, em sua maioria, o trabalho doméstico. Os resultados obtidos questionam, inclusive, quais atividades têm sido consideradas no estudo desse grupo de trabalhadoras. Além disso, foi possível elaborar uma base de dados, na qual foram reunidas todas essas informações e que permite o cruzamento das informações geradas pelo programa. A partir delas é possível, por exemplo, obter dados demográficos de idade de morte dos grupos estudados e relacioná-los com as profissões, procurando evidências sobre as condições desgastantes de trabalho a que essas mulheres eram submetidas no seu cotidiano.

Conclusões

As mulheres constituíram um grupo de trabalhadoras expressivo e importante no mundo do trabalho livre de Campinas e região na segunda metade do século XIX. Entre elas, pode-se notar um grupo de mulheres diverso e oriundo de diferentes regiões de dentro e fora do Império do Brasil. Essas profissões urbanas aglutinavam grande número de mulheres negras oriundas de diferentes regiões do território brasileiro, assim como do continente africano. Um grande contingente dessas mulheres não era mais escravizada e concentrava-se nos trabalhos considerados domésticos, o que aponta para questões que podem ter impactado na distribuição dessas ocupações que antecedem e vão além da abolição da escravidão em 1888.

Referências bibliográficas:

- CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DIAS, M.O.L.S. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LARA, Sílvia Hunold. *Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil*. Projeto História, vol. 16, Fev. 1998, p. 25 - 38.
- MACIEL, Cleber da Silva. *Discriminações raciais: negros em Campinas (1888 - 1921)*. Campinas: Editora da Unicamp, 1987.
- NEGRO, Antonio Luigi; GOMES, Flávio. *Além de senzalas e fábricas: uma história social do trabalho*. Tempo Social (USP. Impresso), v. 18, p. 217-240, 2006.